CRISTO E A ARCA DA ALIANÇA

AUTOR:
C. J. JACINTO

CRISTO E A ARCA DA ALIANÇA

Uma investigação tipológica e hermenêutica dos símbolos, tipos e prefigurações

da Arca da Aliança como profecias materiais apontando exclusivamente para Cristo

C. J. Jacinto

Heresiolandia.blogspot.com

PREFÁCIO: A LINGUAGEM SIMBÓLICA DE DEUS

Deus é o maior dos comunicadores. Antes de enviar Seu Filho unigênito ao mundo, o Senhor falou por séculos através de uma linguagem que transcende as palavras: a linguagem dos tipos, das sombras e das prefigurações. Todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento, toda a arquitetura do Tabernáculo, todo o calendário de festas sagradas de Israel — cada detalhe foi divinamente orquestrado para anunciar a vinda Daquele que viria cumprir todas as coisas: Jesus Cristo, o Messias prometido.

Dentre todos esses símbolos proféticos, nenhum é mais rico, mais denso em significado ou mais profundo em seus paralelos cristológicos do que a Arca da Aliança. Este artigo não é um exercício de especulação mística, mas uma investigação rigorosamente fundamentada nas Escrituras, que demonstra, passo a passo, como cada elemento constitutivo da Arca — sua matéria, seu conteúdo, sua função e sua glória — aponta de forma inequívoca e exclusiva para a pessoa e a obra do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Cumpre-nos também, com toda a caridade cristã e firmeza doutrinária, responder à interpretação tipológica difundida no catolicismo romano, que propõe que a Arca da Aliança seria um tipo de Maria, mãe de Jesus. Demonstraremos que esta leitura, embora criativa, é hermeneuticamente insustentável e silencia a mensagem central que o Espírito Santo inscreveu naquele objeto sagrado: Cristo e somente Cristo é o cumprimento de todos os tipos e sombras da Antiga Aliança.

I. A TIPOLOGIA COMO MÉTODO HERMENÊUTICO LEGÍTIMO

Antes de adentrarmos na análise da Arca propriamente dita, é imprescindível estabelecer o fundamento metodológico que

legitima o estudo tipológico. A tipologia bíblica não é uma técnica alegórica arbitrária, inventada pelos intérpretes para ver o que querem ver. Ela é um método hermenêutico firmado na própria Escritura e ensino explícito dos autores do Novo Testamento.

O apóstolo Paulo, escrevendo aos Coríntios, declara com clareza meridiana que as experiências de Israel no deserto "aconteceram como exemplos (τύποι, typoi) para nós" (1 Co 10.6, 11). A palavra grega typos, da qual deriva nosso termo "tipo", denota uma marca, uma impressão, um molde — algo que existe para antecipar e prefigurar uma realidade posterior e superior. O tipo é a sombra; o antítipo é o corpo que projeta essa sombra.

> *"Portanto, não deixeis que ninguém vos julgue [...] estas coisas são sombra do que havia de vir; mas o corpo, esse é de Cristo."* **— Colossenses 2.16-17**

O critério fundamental para a legitimidade de uma identificação tipológica não reside na inventividade do intérprete, mas na correspondência estrutural entre o tipo e o antítipo, confirmada pelo próprio texto das Escrituras. Todo tipo genuíno deve satisfazer ao menos três condições: (1) deve existir uma base histórica real no tipo; (2) deve haver correspondência de pontos essenciais entre o tipo e o antítipo; e (3) a escalada deve ser evidente — o antítipo supera e cumpre o tipo de forma superior.

Aplicaremos estes critérios rigorosamente à Arca da Aliança e a Cristo.

II. A ARCA: ORIGEM E DESCRIÇÃO

A Arca da Aliança foi concebida não na mente humana, mas nos próprios conselhos eternos de Deus. Moisés recebeu instruções divinas extremamente precisas para sua construção, o que em si mesmo é revelador: cada detalhe importava porque cada detalhe significava algo.

> *"Farão uma arca de madeira de acácia, cujo comprimento terá dois côvados e meio, a largura um côvado e meio, e a altura um côvado e meio. Cobrirás de ouro puro por dentro e por fora, e porás sobre ela ao redor uma coroa de ouro."*
> **— Êxodo 25.10-11**

A Arca era um cofre retangular feito de madeira de acácia (hebraico: שִׁטִּים, shittim), coberta interna e externamente de ouro puro. Sobre ela repousava o propiciatório (hebraico: כַּפֹּרֶת, kapporet), a tampa de ouro puro, sobre a qual dois querubins de ouro se inclinavam com asas abertas. A Arca habitava no lugar mais sagrado do Tabernáculo e posteriormente do Templo: o Santo dos Santos, o Kodesh HaKodashim, um espaço de absoluta inacessibilidade ao qual somente o sumo sacerdote poderia entrar, e apenas uma vez por ano, no Dia da Expiação.

Esta realidade geográfica e ritual já nos comunica algo de suma importância: a Arca era o epicentro da teologia de Israel. Ela representava o ponto de convergência entre a santidade absoluta de Deus e a pecaminosidade radical da humanidade. Tudo na lei mosaica gravitava em torno dela.

III. A COMPOSIÇÃO MATERIAL: MADEIRA E OURO — A PROFECIA DA ENCARNAÇÃO

Examinemos primeiramente o material de que a Arca foi fabricada, pois aqui já encontramos uma das mais eloquentes prefigurações da pessoa de Jesus Cristo.

3.1 A Madeira de Acácia: A Humanidade Real de Cristo

A madeira de acácia (Acacia tortilis ou Acacia seyal) é uma árvore do deserto. Ela cresce em ambientes áridos, hostis, inóspitos — um ambiente de provação. É uma madeira resistente, mas sujeita, como toda matéria orgânica, à corrupção e ao apodrecimento. Esta madeira, que nasce do solo e retorna ao solo, é um símbolo eloquente da natureza humana em sua condição criatural e mortal.

Cristo assumiu genuinamente esta natureza. O Verbo eterno de Deus se fez carne (Jo 1.14). Não uma carne aparente — como ensinavam os gnósticos —, mas uma carne verdadeira, completa,

sujeita à fadiga, à fome, à sede, ao sofrimento e à morte. A humanidade de Cristo não era uma fantasia celestial. Era real, palpável, histórica. Ele nasceu de mulher (Gl 4.4), chorou diante do túmulo de Lázaro (Jo 11.35), sentiu angústia no Getsêmani (Lc 22.44) e morreu na madeira da cruz — notemos a ironia providencial: morreu na madeira, assim como de madeira era feita a Arca.

3.2 O Ouro Puro: A Divindade Eterna e Incorruptível de Cristo

Sobre esta madeira humana e frágil revestia-se o ouro puro por dentro e por fora. O ouro é o metal que os séculos não mancham. Não enferruja, não oxida, não se degrada. Através das eras, o ouro permanece o ouro. Ele é o símbolo por excelência da realeza, da preciosidade, da eternidade e da incorruptibilidade.

Esta camada de ouro que envolvia e penetrava a madeira por todos os lados é uma imagem prodigiosa da divindade de Cristo permeando e sustentando Sua humanidade. A natureza divina do Senhor Jesus não é algo externo ou decorativo — ela é constitutiva de Sua pessoa. O apóstolo Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, não poderia ser mais claro a este respeito:

> *"Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade."* **— Colossenses 2.9**

Dois materiais distintos, perfeitamente unidos em uma só arca. Dois planos de existência diferentes — o perecível e o eterno, o humano e o divino — harmoniosamente integrados em uma só pessoa. É exatamente o que os Concílios de Niceia (325 d.C.) e Calcedônia (451 d.C.) afirmariam séculos depois: Cristo é plenamente humano e plenamente divino, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação. A Arca da Aliança já anunciava esta doutrina fundamental antes mesmo que a terminologia teológica existisse para expressá-la.

> *Nota hermenêutica: A fórmula calcedônia das "duas naturezas em uma pessoa" (ἐ ν δύο φύσεσιν) encontra sua mais vívida prefiguração material na dupla composição da Arca. Este paralelo estrutural não é coincidência; é arquitetura divina.*

IV. O CONTEÚDO DA ARCA: TRÊS ITENS, UM ÚNICO CUMPRIMENTO

A Arca continha em seu interior três objetos específicos, preservados como memórias perpétuas das ações de Deus na história de Israel. Cada um desses itens, analisado à luz da revelação do Novo Testamento, revela uma faceta distinta e gloriosa da pessoa e obra de Jesus Cristo.

> *"Nela estava a urna de ouro com o maná, a vara de Arão que florescera e as tábuas da Aliança."* **— Hebreus 9.4**

4.1 As Tábuas da Lei: Cristo, a Palavra Viva de Deus

As duas tábuas de pedra sobre as quais Deus inscreveu com Seu próprio dedo os Dez Mandamentos (Êx 31.18) representavam o padrão de justiça divina — o caráter moral e santo de Deus em forma de preceito. Eram o testemunho da perfeição que Deus exigia e que Israel, repetida e vergonhosamente, havia violado. As tábuas estavam dentro da Arca como um memorial permanente da santidade de Deus e da falha humana.

Mas Cristo não veio abolir a Lei, e sim cumpri-la (Mt 5.17). Mais do que obedecer à Lei exteriormente, Jesus é a personificação da Lei. O apóstolo João, escrevendo o prólogo mais majestoso da literatura cristã, identifica Cristo como o Lógos — o Verbo, a Palavra, a Razão divina eternamente subsistente:

> *"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. [...] E o Verbo se fez carne e habitou entre nós."* **— João 1.1, 14**

A Lei que estava gravada nas tábuas de pedra e guardada dentro da Arca era uma expressão parcial e penúltima da Palavra de Deus. O Verbo eterno que habitou na carne é essa mesma Palavra em Sua expressão plena, pessoal e definitiva. Se a Antiga Aliança nos mandava fixar os olhos na lei inscrita em pedra (Dt 6.6-9), a Nova Aliança nos manda fixar os olhos em Cristo, "o autor e consumador da fé" (Hb 12.2), a Lei encarnada e personificada.

A tipologia é irrefutável: a Lei dentro da Arca aponta para Cristo como o Lógos vivo. Quem continha a Lei dentro de si — a Arca — apontava para Aquele que seria a Lei em pessoa — Cristo.

4.2 O Vaso com Maná: Cristo, o Pão da Vida Eterna

Durante quarenta anos de peregrinação no deserto, Deus sustentou Israel com maná — uma substância misteriosa que desceu dos céus toda manhã, que o povo recolhia e comia, e que cessou assim que entraram em Canaã (Js 5.12). Era o pão do céu, um sustento diário, um milagre cotidiano, mas um sustento temporário e limitado: os que o comeram, morreram. O maná satisfazia a fome do corpo por um dia.

> *"Disse Moisés a Arão: Toma um vaso, e põe nele um gômer cheio de maná, e deposita-o perante o Senhor, para ser guardado nas vossas gerações."* **— Êxodo 16.33-34**

Jesus percebeu que as multidões O procuravam motivadas pelo maná que Ele havia multiplicado — e foi precisamente neste contexto que pronunciou um dos discursos mais profundos e desafiadores de todo o Evangelho de João. Recusando-se a ser reduzido a um provedor de pão físico, Jesus declarou:

> *"Eu sou o pão da vida; o que vem a mim não terá fome, e o que crê em mim nunca terá sede. [...] Eu sou o pão da vida. Os vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer*

> *não morra. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre."* **— João 6.35, 48-51**

O contraste é absoluto e deliberado. O maná era temporal: desceu por quarenta anos e os que o comeram, morreram. Cristo é eterno: desceu uma vez para sempre, e quem n'Ele crê tem a vida eterna. O maná era um símbolo; Cristo é a realidade. O maná era a sombra; Cristo é o corpo que projeta essa sombra. O vaso com maná dentro da Arca apontava inexoravelmente para Aquele que diria "Eu sou o pão da vida": não Maria, não a Igreja, não nenhum sacramento isolado de Sua pessoa, mas Cristo e somente Cristo.

4.3 A Vara de Arão que Floresceu: Cristo, o Sumo Sacerdote Ressurreto

O terceiro item guardado na Arca é talvez o mais dramaticamente simbólico. Quando surgiu uma contestação da liderança de Arão (Nm 16—17), Deus ordenou que cada tribo trouxesse sua vara com o nome escrito nela. As varas — objetos de madeira morta, sem vida — foram depositadas no Tabernáculo. No dia seguinte, a vara de Arão, representante da tribo de Levi, havia florescido: brotara, produzira flores e até madurado amêndoas.

> *"Aconteceu que, no dia seguinte, Moisés entrou na tenda do testemunho, e eis que a vara de Arão, pela casa de Levi, tinha brotado, e produziu botões, floresceu as flores, e amadureceu amêndoas."* **— Números 17.8**

A teologia contida neste evento é extraordinária. Uma vara morta — sem raiz, sem seiva, separada da árvore que a gerou — produziu vida. Arão não contribuiu com nada para este milagre: era apenas um bastão inerte de madeira morta. Deus, soberanamente, trouxe vida onde havia morte, como sinal de Sua escolha do sacerdócio aaronico.

Este milagre é um tipo diáfano da ressurreição de Jesus Cristo. Jesus morreu na madeira da cruz — como a vara, um instrumento de madeira separado de sua árvore. Foi sepultado, inerte, morto. E no terceiro dia, pelo poder soberano do Pai, brotou para a vida. Sua ressurreição foi a confirmação definitiva de Sua identidade e de Sua autoridade sacerdotal:

> *"E que foi declarado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos."* — **Romanos 1.4**
>
> *"Visto que temos um grande sumo sacerdote que penetrou nos céus, Jesus, Filho de Deus. [...] Mas este, porque permanece eternamente, tem um sacerdócio imutável. Por isso, também pode salvar perfeitamente os que por ele se aproximam de Deus, vivendo sempre para interceder por eles."* — **Hebreus 4.14; 7.24-25**

Arão exercia um sacerdócio imperfeito, mortal, hereditário e repetível. Seu sacerdócio precisava ser reivindicado e confirmado. Cristo exerce um sacerdócio eterno, confirmado não por

genealogia, mas por ressurreição — por vida indestrutível (Hb 7.16). A vara que floresceu é o tipo; a ressurreição de Cristo é o antítipo glorioso.

V. O PROPICIATÓRIO: O TRONO DA MISERICÓRDIA E O SACRIFÍCIO PERFEITO

Sobre a Arca repousava o propiciatório — a tampa de ouro puro sobre a qual dois querubins se inclinavam com deferência. Este objeto, cujo nome hebraico kapporet deriva da raiz kapar (cobrir, expiar), era talvez o mais teologicamente carregado de toda a parafernália do Tabernáculo.

Era sobre o propiciatório que a glória de Deus, a Shekinah, manifestava sua presença luminosa. E era sobre ele que, no Dia da Expiação — o Yom Kippur —, o sumo sacerdote aspergia sete vezes o sangue do novilho e do bode (Lv 16.14-15), realizando a expiação pelos pecados de todo o povo de Israel por mais um ano. Era, portanto, o lugar onde a santidade inflexível de Deus encontrava o pecado humano mediado por um sacrifício de sangue.

> *"Então imolará o bode da oferta pelo pecado, que é do povo, e levará o sangue para dentro do véu, e fará com esse sangue como fez com o sangue do novilho, e o espargirá*

> *sobre o propiciatório e diante do propiciatório. Assim fará expiação pelo santuário."* — **Levítico 16.15-16**

O apóstolo Paulo, escrevendo aos Romanos, utiliza precisamente a palavra grega equivalente ao kapporet hebraico — hilasterion (ἱλαστήριον), propiciatório, trono da misericórdia — para descrever Cristo na cruz:

> *"Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus. A quem Deus propôs como propiciação (ἱλαστήριον), pelo sangue, mediante a fé, para manifestação da sua justiça."* — **Romanos 3.24-25**

Esta correspondência terminológica não é acidental. Paulo conhecia perfeitamente o uso da palavra na Septuaginta (LXX), a tradução grega do Antigo Testamento, onde hilasterion é o termo usado para kapporet em Êxodo 25. Ao aplicar esta mesma palavra a Cristo, Paulo está fazendo uma afirmação tipológica de uma precisão cirúrgica: Cristo é o propiciatório. Ele é o novo trono da misericórdia, o lugar definitivo onde a ira santa de Deus contra o pecado foi satisfeita.

Mas há uma diferença fundamental que exponencia a glória do antítipo sobre o tipo. O sangue que era aspergido sobre o propiciatório da Arca era sangue de animais irracionais, incapazes de oferecer qualquer valor moral, que cobria os pecados apenas temporariamente, por um ano — e o rito precisava ser repetido indefinidamente. O sangue de Cristo, ao contrário, é o sangue do

Filho de Deus, infinitamente precioso, moralmente suficiente, que não cobre o pecado, mas o remove de uma vez por todas:

> *"Nem por meio de sangue de bodes e bezerros, mas pelo seu próprio sangue, entrou uma vez para sempre no santuário, tendo obtido eterna redenção. Porque se o sangue dos touros e dos bodes, e a cinza de uma novilha, santificam os imundos quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará as nossas consciências das obras mortas, para servirmos ao Deus vivo?"* **— Hebreus 9.12-14**

O Yom Kippur era a encenação anual de uma dívida que não podia ser quitada — apenas prorrogada. Cada ano, o ritual recomeçava, confessando sua própria insuficiência. Cristo, ao oferecer-Se a Si mesmo na cruz, proferiu as palavras que encerram para sempre este ciclo: "Está consumado" (Jo 19.30). A Arca e seu propiciatório eram o memorando de uma promessa. A cruz de Cristo é o cumprimento irretratável desta promessa.

VI. A PRESENÇA DE DEUS: DA SHEKINAH AO EMMANUEL

A função primordial da Arca era ser o trono e o ponto de encontro de Deus com o Seu povo. "De lá te falarei", disse Deus a Moisés (Êx 25.22), referindo-se ao espaço acima do propiciatório. Era ali

que a glória divina se manifestava, que a voz de Deus era ouvida, que a santidade do Eterno se tornava tangível para Israel.

Mas esta presença era localizada, restrita, mediada. Localizada: presa a uma caixa de ouro num quarto escuro. Restrita: acessível a apenas um homem, apenas uma vez por ano, apenas após uma série extenuante de preparações rituais sob risco de morte. Mediada: o povo comum nunca se aproximava — somente o sumo sacerdote, e mesmo assim com terror e humilhação.

A encarnação do Filho de Deus representa o fim do paradigma da distância e o início do paradigma da proximidade. "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1.14) — o verbo grego aqui é ἐσκήνωσεν (eskenosen), literalmente "armou Sua tenda entre nós", uma alusão deliberada ao Tabernáculo (σκηνή, skene). Cristo veio ser o Tabernáculo vivo, a Arca ambulante, o ponto de encontro portátil entre Deus e a humanidade.

> *"Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e chamar-lhe-ás o nome de Emanuel, que traduzido é: Deus conosco."* — **Mateus 1.23**

O Deus que falava de dentro de uma caixa dourada no Santo dos Santos passou a falar em e através de uma pessoa: Jesus de Nazaré. O Deus que era acessível apenas ao sumo sacerdote, uma vez por ano, passou a ser acessível a toda e qualquer alma que O

buscasse em fé e arrependimento. E quando o véu do Templo se rasgou de alto a baixo no momento da morte de Cristo (Mt 27.51), foi o sinal dramático e definitivo de que a era das mediações físicas havia terminado. O acesso a Deus não passa mais por uma arca dourada, mas por uma pessoa ressurretas e glorificada.

> *"Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim. [...] Quem me vê a mim vê o Pai."* — **João 14.6, 9**

VII. A QUESTÃO CRÍTICA: A ARCA APONTA PARA CRISTO OU PARA MARIA?

Chegamos ao ponto que exige maior precisão teológica e honestidade hermenêutica. A tradição católica romana, especialmente em seu desenvolvimento teológico mariano, propõe que a Arca da Aliança é um tipo de Maria. Os argumentos mais citados em favor desta posição incluem a narrativa de Lucas 1, onde se traçam paralelos entre a Arca subindo a Judá (2 Sm 6) e a visita de Maria a Isabel.

Reconhecemos que o evangelista Lucas provavelmente conhecia a narrativa de 2 Samuel 6 e que algumas ressonâncias textuais existem — o "saltar de alegria" de João Batista no ventre de Isabel ecoa o dançar de Davi diante da Arca. Contudo, uma análise hermenêutica séria revela que os paralelos literários entre

dois textos não estabelecem por si sós uma tipologia. Para que Maria seja identificada como o antítipo da Arca, ela precisaria satisfazer os critérios tipológicos que estabelecemos: correspondência estrutural nos pontos essenciais e escalada — o antítipo sendo superior ao tipo.

Mas ao examinarmos os elementos constitutivos da Arca — madeira e ouro apontando para a união hipostática das duas naturezas de Cristo; o conteúdo (Lei, maná, vara) apontando para Cristo como Palavra encarnada, Pão da Vida e Sumo Sacerdote ressurreto; e o propiciatório apontando para Cristo como nossa propiciação — percebemos que nenhum destes pontos essenciais encontra correspondência em Maria. Maria não é a união do humano e do divino. Maria não é a Lei encarnada. Maria não é o Pão da Vida. Maria não é o sumo sacerdote ressurreto. Maria não é nossa propiciação.

O único sentido em que Maria se relaciona com a Arca é o sentido mais superficial e instrumental: ela carregou em seu ventre, por nove meses, Aquele que é a realidade para a qual a Arca apontava. Maria não é a Arca; Maria é a portadora da Arca viva. É uma distinção de importância absoluta. Confundir o recipiente humano com o conteúdo divino é precisamente o tipo de inversão que a tipologia bíblica correta previne.

Devemos ainda observar que o próprio livro de Apocalipse resolve a questão com autoridade canônica. Em Apocalipse 11.19, João vê o Templo celestial aberto e a Arca da Aliança aparecer no céu — e então, sem solução de continuidade, o capítulo 12 começa com a visão da mulher vestida de sol. A disposição narrativa sugere que a Arca celestial é Cristo — e que a mulher do capítulo 12 representa coletivamente o povo de Deus (Israel e a Igreja), não exclusivamente Maria.

A Reforma Protestante, ao restaurar o princípio da Sola Scriptura — somente as Escrituras como autoridade normativa suprema —, recuperou também a leitura cristocêntrica da tipologia veterotestamentária. Como ensinou o próprio Senhor Jesus: "Esquadrinhais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que testificam de mim" (Jo 5.39). As Escrituras testificam de Cristo, não de Maria. A Arca testifica de Cristo, não de Maria.

VIII. QUADRO SINTÉTICO: OS TIPOS DA ARCA E SEUS ANTÍTIPOS EM CRISTO

O quadro a seguir organiza de forma sistemática os principais paralelos tipológicos que foram analisados ao longo deste artigo:

Elemento da Arca	Função na Antiga Aliança	Cumprimento em Cristo
Madeira de acácia	Material sujeito à corrupção	Humanidade real de Cristo (Jo 1.14)
Ouro puro	Metal incorruptível e precioso	Divindade eterna de Cristo (Cl 2.9)
Tábuas da Lei	Padrão de justiça de Deus	Cristo, a Lei encarnada (Jo 1.1; Mt 5.17)
Vaso com maná	Sustento temporário no deserto	Cristo, o Pão da Vida eterno (Jo 6.35)
Vara de Arão	Prova de autoridade sacerdotal	Cristo, Sumo Sacerdote ressurreto (Hb 4.14)
Propiciatório (tampa)	Lugar da expiação anual (Yom Kippur)	Cristo, nossa propiciação perfeita (Rm 3.25)
Shekinah (glória de Deus)	Presença divina localizada	Emmanuel: Deus com todos nós (Mt 1.23; Jo 14.9)

Tabela elaborada pelo autor com base na análise exegética dos textos do Pentateuco, Evangelhos, Epístolas Paulinas e Hebreus.

IX. O DESAPARECIMENTO DA ARCA: O SINAL DO CUMPRIMENTO

Um dado histórico e bíblico de profundo significado simbólico merece nossa atenção final. A Arca da Aliança desapareceu da história. Após a destruição do Templo por Nabucodonosor em 586 a.C., a Arca nunca mais é mencionada como objeto presente no Segundo Templo, construído por Zorobabel e depois ampliado

por Herodes. O Santo dos Santos do Templo de Jesus estava vazio — desprovido de Arca.

Este desaparecimento não é uma tragédia histórica a ser lamentada, mas um sinal teológico a ser compreendido. A Arca cumpriu sua missão. Como todo bom tipo, ela apontou para além de si mesma. Quando a Realidade que ela anunciava chegou em pessoa — quando o Lógos eterno Se encarnou no ventre de Maria, nasceu em Belém, ministrou na Galileia e consumou a redenção no Calvário —, a Arca tornou-se obsoleta, do mesmo modo que um cartaz de "vende-se" é retirado quando a casa é vendida.

> *"E será que, quando vos multiplicardes e crescerdes na terra, naqueles dias, diz o Senhor, não se dirá mais: Arca da Aliança do Senhor; nem se lembrará dela, nem se recordarão dela, nem sentirão falta dela, nem se fará outra."* **— Jeremias 3.16**

O próprio Deus, através de Jeremias, anunciou que chegaria o dia em que a Arca seria esquecida sem luto — não porque fosse indigna, mas porque teria sido superada por algo infinitamente superior. E esse algo superior tem nome: Jesus Cristo, "o mesmo ontem, e hoje, e eternamente" (Hb 13.8).

X. CONCLUSÃO: NOSSA ARCA DA ALIANÇA É JESUS CRISTO

Nossa investigação percorreu a Arca da Aliança de cima abaixo, por dentro e por fora. Examinamos seus materiais, seu conteúdo, sua função e seu destino histórico. Em cada camada de análise, a conclusão foi a mesma, repetida com a contundência da evidência: a Arca da Aliança era uma sombra, e o Corpo que projeta esta sombra é Jesus Cristo.

A composição material da Arca — madeira e ouro — prefigurou a gloriosa doutrina da encarnação: a união perfeita das duas naturezas em uma só Pessoa, como afirmado em Calcedônia e como confessado por todo crente que se ajoelha diante do Cristo vivo.

O conteúdo da Arca — as tábuas da Lei, o vaso com maná e a vara de Arão — prefigurou os três grandes ofícios e atributos de Cristo: Ele é a Lei encarnada, o Pão da vida eterna e o Sumo Sacerdote ressurreto que intercede por nós à destra do Pai.

A função da Arca — ser o lugar da presença divina e do centro da expiação — prefigurou a missão de Cristo: ser o Emmanuel, Deus conosco em pessoa, e ser o sacrifício definitivo e perfeito que, de uma vez por todas, satisfez a justiça santa de Deus e abriu o caminho para a nossa reconciliação.

O desaparecimento da Arca prefigurou sua própria obsolescência: os tipos e sombras se dissolvem na presença da

Realidade que anunciavam. A Arca cumpriu seu propósito quando Cristo entrou na história. Ela era o cartaz; Ele é a glória anunciada.

> *"Porque a lei, tendo sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, nunca pode, com os mesmos sacrifícios que se oferecem continuamente todos os anos, tornar perfeitos os que a ela se chegam."* **— Hebreus 10.1**

Portanto, em resposta à questão que motivou este artigo: a Arca da Aliança não aponta para Maria. A Arca da Aliança aponta para Cristo. Ela sempre apontou para Cristo. O Espírito Santo que inspirou cada dimensão, cada material e cada ritual do Tabernáculo tinha um único objetivo: conduzir Israel — e por meio de Israel, toda a humanidade — até aquele ponto do calendário da história em que o Filho de Deus viria, viveria, morreria, ressuscitaria e triunfaria. Tudo converge. Tudo aponta. Tudo anuncia.

Quando um crente se ajoelha diante de Cristo em oração, quando se aproxima do Pai pelo único Mediador (1 Tm 2.5), quando recebe o Espírito Santo como penhor da herança eterna (Ef 1.13-14), ele está experienciando a realidade para a qual a Arca apenas apontava. Não uma caixa de madeira e ouro. Não um objeto religioso guardado num quarto escuro. Mas uma Pessoa viva, ressurretas, reinante — nosso Senhor e Salvador Jesus

Cristo, a Arca da Nova Aliança, escrita não em tábuas de pedra, mas nos corações de todos os remidos.

Soli Deo Gloria

REFERÊNCIAS BÍBLICAS PRINCIPAIS

ANTIGO TESTAMENTO: Êxodo 25.10-22; 16.33-34; 31.18 — Levítico 16.1-34 — Números 17.1-11 — Deuteronômio 6.6-9 — 2 Samuel 6.1-19 — Jeremias 3.16

NOVO TESTAMENTO: Mateus 1.23; 5.17; 27.51 — João 1.1, 14; 5.39; 6.35, 48-51; 14.6, 9; 19.30 — Romanos 1.4; 3.24-25 — 1 Coríntios 10.6, 11 — Gálatas 4.4 — Efésios 1.13-14 — Colossenses 2.9, 16-17 — 1 Timóteo 2.5 — Hebreus 4.14; 7.16, 24-25; 9.4, 12-14; 10.1; 12.2; 13.8 — 1 Pedro 1.18-19 — Apocalipse 11.19

REFERÊNCIAS PATRÍSTICAS E CONCILIARES: Concílio de Niceia I (325 d.C.) — Concílio de Calcedônia (451 d.C.) — Definição Calcedônia das Duas Naturezas de Cristo.

BIBLIOGRÁFICAS: Para estudo mais aprofundado, recomenda-se: Davidson, Richard M. Typology in Scripture (Andrews University, 1981); Goppelt, L. Typos: The Typological Interpretation of the Old Testament in the New (Eerdmans, 1982); Vos, Geerhardus. Biblical Theology (Banner of Truth, 1975); Morris, Leon. The Apostolic Preaching of the Cross (Eerdmans, 1955).

C. J. Jacinto
Heresiolandia.blogspot.com

Esse artigo foi escrito com ajuda de IA. A exposição dos argumentos são um conjunto de pequenos escritos e idéias esboçadas e anotações que fiz dos estudos pessoais das Escrituras e arquivos que preparei para estudos bíblicos

Projeto Alimento Sólido

Literatura Cristã Gratuita

claviojj@gmail.com